MINISTÉRIO DO TURISMO, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
O FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

OUT 15, 16 e 17

BEETHOVEN 250

TEMPORADA OSESP 2020
CONCERTOS SINFÔNICOS

15.10 quinta 19H e 21H15 PRAÇ BRASIL
16.10 sexta 19H e 21H15 SANTUÁRIA
17.10 sábado 15H15 e 17H30 JOSÉ FISTAR

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - OSESP
ALEXANDER LIEBREICH REGENTE

ARVO PÄRT (1935)
Fur Lennart in Memoriam (2007)
7' MIN

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)
Sinfonia nº 1 em Dó Menor, Op. 68 (1855-76)
UN POCO SOSTENUTO, ALLEGRO
ANDANTE SOSTENUTO
UN POCO ALLEGRETTO E GRAZIOSO
ADAGIO, PIU' ANDANTE, ALLEGRO NON TROPPO, MA CON BRIO
45 MIN

PÄRT
Fur Lennart in Memoriam

Für Lennart in Memoriam (Para Lennart in memoriam), para orquestra de cordas, foi composta no início de 2006 a partir de um pedido de Lennart Meri, O ex-presidente da Estônia havia desejado que uma música composta por Pärt fosse tocada em sua cerimônia fúnebre.

Arvo Pärt e Lennart Meri se conheram na juventude. Nos anos 1960, foram colegas na Rádio Estoniana, onde Pärt trabalhava no departamento de música e Meri no teatro de rádio. Durante a vida, seus caminhos se cruzaram muitas vezes, mesmo que brevemente. "Acredito que, agora, seríamos muito mais parecidos que quando jovens, certamente", disse Pärt.

Quando começou a compor a peça, os pensamentos de Pärt o levaram à 4ª ode da canção coral a capella *Kanon Pokajanen*, que se tornou a cerne da composição instrumental *Für Lennart in Memoriam*. Esse belo prece em câmae, usada na Igreja eslava, se refere ao mar (mari – "mar" em estônio) como um símbolo e é usada em cerimônias fúnebres. Na seção central do compositor, Pärt utilizou um breve cântico aos mortos de Archimandrite Sophrony (1896-1993).

Como é característico em Pärt, tanto nas obras vocais como em algumas obras instrumentais, o texto se adapta à música observanda a prosódia, o número de sílabas das palavras e outros parâmetros para atingir um fluxo sinoído da fala, além de um sentido de fraseamento musical que dá espaço para a respiração natural. "Esses cânticos são para todos, como cânticos aos mortos, os amados e os desconhecidos. Ao escrever uma peça como esta, você é como o guardião de alguém", disse Pärt.

A composição foi tocada pela primeira vez na cerimônia fúnebre de Lennart Meri em 26 de março de 2006, na Igreja de São Charles (em Tallin), pela Orquestra de Câmara de Tallin regida por Tõnu Kaljuste.

TEXTO DISPONÍVEL NO SITE DO ARVO PÄRT CENTRE, GENTILMENTE CEDIDO À OSESP. TRADUÇÃO DE JULIA TYGEL.

BRAHMS
Sinfonia nº 1

Há elogios que pesam como chumbo. Em 1862, após uma primeira audição vienense do Quarteto em Dó Menor, op. 51, o violinista José Helmesberger proclamava que o compositor, de sobrenome Johannes Brahms, surgia enfim o herdeiro e sucessor de Beethoven; em 1876, se ouvia pelo primeiro vez a primeira sinfonia do mesmo autor, o maestro Hans von Bülow valtaria o corpo, afirmando que a peça era nada mais nado menos que a décima sinfonia de Beethoven.

Nesse arco de quatorze anos, Brahms trabalhou duramente na composição de sua peça sinfônica de estreia, elaborando inúmeros esboços e versões para depois, sem e para diversas formações de orquestra. Começou e escreveu a sinfonia em 1862, talvez antes, e só a concluiu na metade de 1876. Não era empresa fácil, pois a terna de comparação era árduo e a sol pólimico dos elogios não possuíam desperdícios para ninguém. Naquela altura do século, escrever uma sinfonia beethoveniana significava também contrapor-se à concorrência aguerrida do poema sinfônico de Liszt e Wagner, com seu teor programático ou narrativo e seu culto de um dramismo desdenhoso das simetrias clássicas.

A *Sinfonia nº 1 em Dó Menor, op. 68*, foi executada pela primeira vez em novembro de 1876, em Karlsruhe e não decepcionou as expectativas, tanto pela beleza flagrante e pela intensidade anímica da peça, como também por seu certo ecumenismo. Três quatro movimentos à maneira clássica, expostos e desenvolvidos segundo os cânones da forma sonata, numa progressão que leva o ouvinte de um primeiro movimento mais sombrio, em dó menor, a um quarto movimento coda vez mais luminoso, até a conclusão em dó maior, a toda regida por um desejo de simetria que não esconde suas raízes clássicas com direito, ao fim da sinfonia, a uma citação inconfundível de um tema melódico do finale coral da Nona Sinfonia de Beethoven.

Contudo, o homenagem e a remissão ao modelo não anulam a voz singular de um compositor que, então aos 43 anos, já não se podia chamar discípulo de ninguém. De fato, partindo dos formas clássicos da sinfonia, Brahms lhe imprime tons próprios e a leva a regiões menos visitadas por seus mestres vienenses. O desenvolvimento do material temático, por exemplo, faz pensar rapidamente no tratamento canônico e fugal que se ouvia na Nona; Brahms, entretanto, não a submete a um motor de progressão tão enfático quanto o da sinfonia coral, e o resultado é um movimento de expansão em espiral, o partir de pequenas células (como bem notou Schönberg), num ritmo de desenvolvimentos interrompidos e retomados repetidas vezes, com enorme poder de sugestão dramática.

Ao mesmo tempo, essa expansão sonora, que afinal conclama todo a orquestra e soar, conserva paradoxalmente algo de íntimo e camerístico; ao contrário de Beethoven, Brahms não aspira a nenhuma reverberação cívica, napoleônica, e mesmo nos momentos mais afirmativos conserva um tom elegíaco, de drama muito íntimo, mas puramente interior, como que feito de anseios que nunca se resolvem. Esse ter íntimo se faz ouvir de vários lados: por exemplo, no destaque dado ao timbre médio e calorosa das violas e violoncelos, no uso do chifre como um instrumento solista, e mesmo no fato de que a sinfonia *Nº 1*, no segundo movimento, um andante sostenuto em que Brahms trata a orquestra quase à maneira de um quarteto de cordas, chegando à beira do lírima vocal.

Vencido o obstáculo de escrever a primeira, Brahms escreveria suas outras três sinfonias em prazo bastante curto e sempre, é curioso notar, durante o verão. Em 1876, encontrou um caminho para filiar-se à tradição clássica sem com isso anular sua voz pessoal, feita de intensidade e contenção, explosão sonora e pendor camerístico. Podia então responder ao elogio de von Bülow, afirmando que "não sou Beethoven, mas sou Johannes Brahms".

[2012]

SAMUEL TITAN JR.
É TRADUTOR, PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA DA USP E COORDENADOR EDITORIAL DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. A partir deste ano, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular, tendo sido precedido por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com a Carnegie Hall, com a Nona Sinfonia de Beethoven cantada inteiramente em português. Em 2018, a gravação das Sinfonias de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira.

ALEXANDER LIEBREICH REGENTE
OLTIMA VEZ COM A OSESP EM AGOSTO DE 2018

Regente Titular e Diretor Musical da Orquestra Sinfônica do Reno de Praga, o maestro atenda teve os mesmos postos no Rádio Nacional Polonesa – com a qual foi premiado no International Classical Music Awards (ICMA) em 2017 – e na Orquestra de Câmara de Munique. É Diretor Artístico do Festival Richard Strauss, em Garmisch-Partenkirchen, e Diretor Artístico e Líder da Associação Richard Strauss, e foi Diretor Artístico do Festival Kaiserslautern Pfälzisches Musikfest. Em 2017 e 2019, regeu a Orquestra do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

REGENTE EMÉRITO
JOHN CORIGLIANO

REGENTE HONORÁRIO
MARIN ALSOP

REGENTE ASSISTENTE
AMANDA MARTINS
CAMILA GIUSTINA
CAMILA MELLO
CAMILA MOTTA
CESAR A. MARINGO
CLAUDIO ZIZZI
CLEBERSON CRETON
DANIEL MARCHESI
KATIA SPERDOSA
KLEBER FERNANDES
PAULO PAGLIONE
RAFAEL PINTO
SERGIO MARCUS
TATIANA VASCONCELOS
VICTOR HERASMO

VIOLAS
ANDRÉ MIGUELUCI CAMARGO
CAIO VIEIRA
JOÃO MARQUES SILVA
LUCAS MARCHESINI
OLIVE RAVANNEUX
PAULO ROBERTO GOMES
SARAH PIRES
VANESSA MARCHETTY

VIOLONCELOS
RODRIGO MADEIRA
SERGIO PEDRINI
BELLO MARQUES LIMA
DR. JOÃO DIAS
FERNANDO MARCOLLI
REGINA WYCZOVSKI

CONTRABAIXOS
ANA VALERIA POLES
ANDRÉ CAMARGO
DANIEL GUERRERO
DEPARTAMENTO COLLECIO
DIOGO MARCHESINI
FERNANDO MARCOLLI

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SA LEITÃO

SECRETARIA EXECUTIVA
CLAUDIA PEDROZO

FLAUTOS
ANDRÉ NASCIMENTO
JOSÉ MARIANO DUARTE LOPES

OBOÉS
ALEXANDRE BURGARELLI DE LIMA
DIEGO
MARCOS

CLARINETES
DIOGO CORREIA
MARCELO DE LIMA

FAGOTES
JOSÉ ANDRÉ LIMAREZ
DIOGO CORREIA
MARCELO DE LIMA

TROMPAS
ALEXANDRE BURGARELLI
MATEUS DIEGO
RAFAEL MARCOLINO DO AMARAL
EDUARDO MIRAZUR

TROMPETES
FERNANDO DIMENNA
MARCELO MARCOLINO

TROMBONES
DANIEL CARNIELLI
ELIAS MARCOLINO
MARCELO MARCOLINO

TIMPANO
ELIZABETH DEL GRANDE (MÁRIO)

PERCUSSÃO
DIOGO CARNIELLI
ELIAS MARCOLINO
MARCELO MARCOLINO

TECLADO
ELIZABETH DEL GRANDE

CO-CLARIN INTERNO
ANA VALERIA POLES

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, DE ACORDO COM SUAS ESCALAS E ALTERNÂNCIAS.

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE HONORÍFICO
JOÃO CARVALHO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIOLLI

CONSELHEIROS
JOÃO CARLOS BRAÃO
CÉLIA PARNES
CLAUDIO CONSTANTINO
HELLO MATTAR
JOSÉ ROBERTO MELLO
LUIZ LARA
MARCELO GARRITH
MARCIO PAULO
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAÚJO
RENATO SOLLERO
SERGIO AUGUSTO DE ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR MESTRONI

DIRETOR FINANCEIRO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

@osesp
@osesp_
@osesp_

osesp.org.br
salasaopaulo.art.br
fundacaoosesp.art.br